

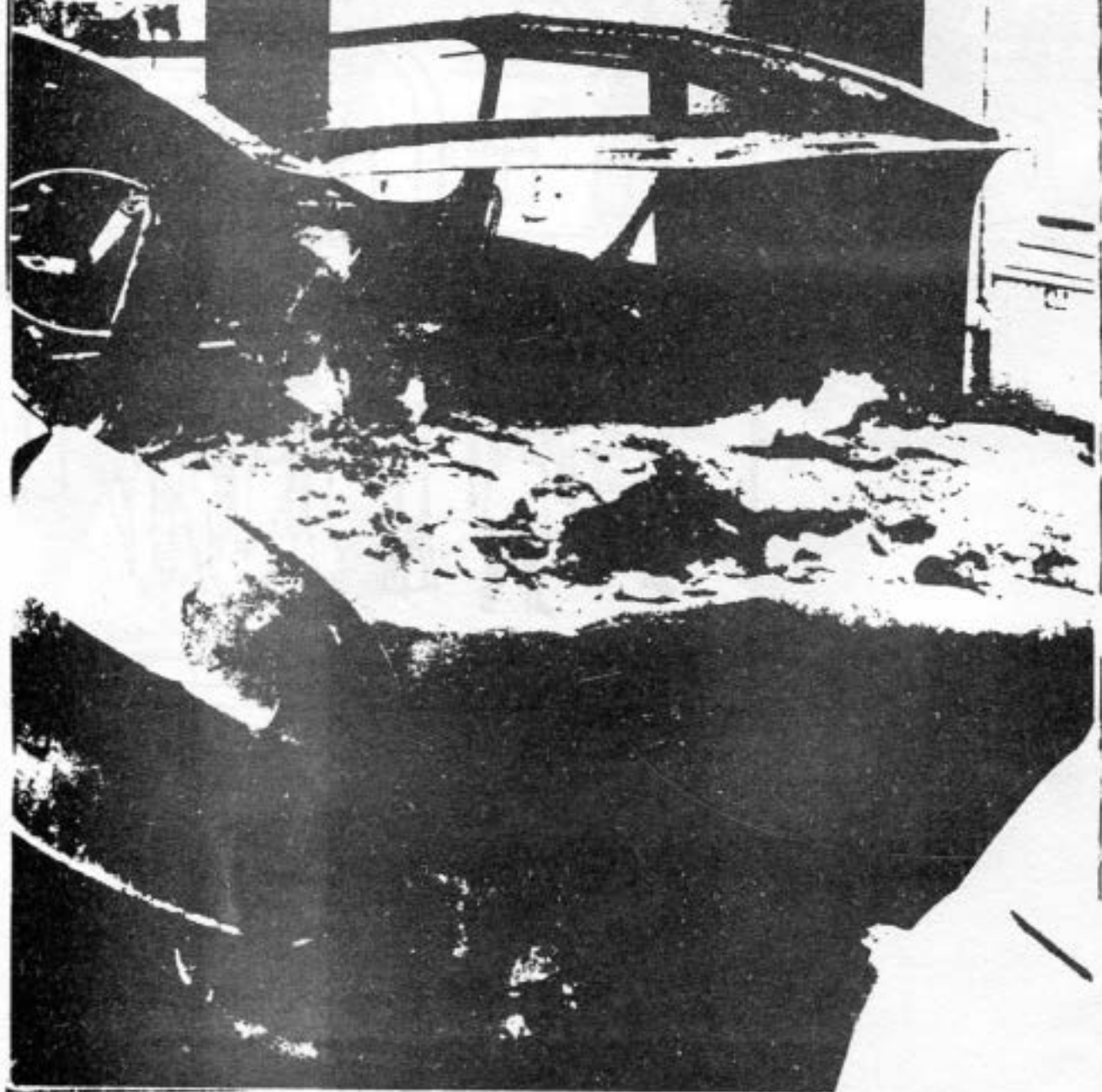


LISTA



1975

de jous
dans les
paves



Durante alguns dias, as energias sociais de alguns estudantes esgotaram-se na contemplação passiva da luta pelo "direito" de os representar. Ironicamente, o espectáculo consumiu-se numa sala de teatro. À Escola, lugar de tédio, sacrifício e humilhação, substitui-se um jogo democrático "apaixonante" em que os estudantes, delirando, caíram na ilusão de que as suas forças estavam em movimento. E, no entanto, nada se passou, não se deu um passo sequer que subvertesse, que fosse a negação do que existe.

Isto porque a linha dirigida pelas várias Direcções-Gerais não é uma linha direita, susceptível de ser substituída por uma de esquerda, mas a única concebível e praticável no quadro da Associação enquanto tal. É a sua única *função social*, a função de todo o sindicato: representar juridicamente a camada estudantil, enquadrá-la na organização imposta pelo Poder, fazê-la reconhecer como um dos elementos componentes da sociedade. Na actual fase do capitalismo, o Poder está consciente de que a viabilidade de uma planificação que resolva a crise e salve o sistema, passa pela aceitação por parte das massas de sacrifícios, que elas só conseguirão se se sentirem participantes na sua elaboração. Por isso os diversos grupos e classes devem estar devidamente representados. Pelo contrário, os políticos fascistas pensavam que a melhor maneira de gerir o Capital, era afastar o conjunto das sociedade da participação na gestão dos negócios públicos e resolver pelo terror todos os problemas. Ineficazes, foram varridos da cena.

É assim que hoje os novos gestores concedem mais-valia a rodos como fundos da Associação - cerca de 1000 contos por ano. Que ela seja gerida democrática ou burocraticamente, é secundário. O que é importante é que cumpra a sua função, de contrário é dispensada. O aparecimento de sindicatos e de associações representativas resulta mais das necessida

des de sobrevivência do sistema do que da luta das massas.

II

As eleições para a Associação são o prolongamento lógico desta situação de facto onde tudo é *estático*. O poder continua a conceder generosos fundos para enjaular os estudantes na dita sala de teatro, onde a aparência e a representação são organizadas como inversão concreta da vida. Os estudantes entram na sala, fazem ruído, saem, e nada se passa: quanto mais contemplam menos vivem, menos agem, quanto mais aceitam reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreendem a sua própria existência e o seu próprio desejo.

Se aceitamos participar, é com a consciência de que não somos mais que um novo actor a entrar em cena, vestindo o mesmo colete de forças, aceitando as regras do jogo. Mas é para dizer isto mesmo que participamos: *o movimento real que abole a ordem vigente, não existe neste terreno recuperador.*

III

No entanto, as várias correntes políticas vão actuar, quer pretendendo conquistar formalmente a Associação (U.E.C. e Maoístas), quer não pretendendo (Trotskistas), com um único e idêntico fim: fazerem-se reconhecer como *poderes* constituídos ou a constituir - falar de política é falar de poder - e portanto *procurarem a representação da camada estudantil*. Representação jurídica, os Estalinistas, representação política, os Trotskistas.

Estas suas aspirações são fruto da sua concepção da dinâmica revolucionária como uma questão de educação, de pedagogia.

Para eles a actividade revolucionária não seria determinada pelas relações sociais, pelas necessidades sociais, que constrangiriam a agir e em que as consequências desses actos obrigassem a praticar novos actos, mais radicais que os anteriores. A Teoria não seria realizada quando correspondesse à realização das necessidades sociais e portanto apropriada segundo um processo prático. Não se encontrariam à cabeça do movimento aqueles que tivessem a melhor compreensão das tarefas a realizar, a consciência das possibilidades do momento histórico.

Para eles, o motor da actividade revolucionária - o partido político - seria exterior à dinâmica social. As acções seriam determinadas pela "consciência a trazer do exterior", sendo ser e consciência duas entidades distintas que se teriam que reunir. A Teoria seria assim apropriada segundo um processo intelectual (apreender essa consciência), e encontrar-se-iam à cabeça do movimento os portadores da "consciência de classe" em abstracto e designadas antecipadamente e formalmente - possuir o cartão do partido - como a vanguarda.

Assim, os núcleos Sindicais opondo-se ao sindicato dos U.E.C.(s) como associação de socorros mútuos, preconizam um sindicalismo da esquerda em que a defesa dos interesses "económicos" dos estudantes seria tática para os fazer transcrescer em interesses "políticos". Mas como a actividade revolucionária não é uma questão de educação ou produto da vontade, o empenho dos U.E.C.(s) e Núcleos na defesa do melhoramento da condição do estudante enquanto tal e em desviar os obstáculos à aspiração do estudante em ser burguês de parte inteira, "transresce"... nas dezenas de doutores e funcionários do Capital que saem todos os anos das escolas. Daí que as vitórias sindicais dos estudantes contribuam para esta derrota vergonhosa: não há um único dirigente da hierarquia do Poder que não tivesse sido estudante.

Já os Trotskistas, devido ao seu sentimento político obreirista, apoiam os interesses sindicais dos operários porque são operários, mas já não os dos estudantes como futuros burgueses que são. Vendo a revolução igualmente pelo prisma da educação política acabam por, no sector operário apoiar o capital variável, a força de trabalho produtora de

mais-valia e motor do desenvolvimento do Capital, e, no sector estudantil, desenvolver um esforço quixotesco para empurrar as camadas radicais (heterogeneidade do meio) e apoiar as lutas dos outros (operários), desprezando assim as necessidades sociais dessas camadas.

O mesmo desprezo sentem os maoístas do M.R.P.P. limitados pelo mesmo erro: a pedagogia política.

A sua intervenção em algumas lutas (passagens administrativas, p.ex.) mostra que quando os estudantes se cagaram no trabalho e na escola, pedras de toque da ideologia capitalista, os militantes do M.R.P.P. puseram a escola a funcionar com cursos livres para satisfazer os seus fins políticos: a "escola popular". Só que os modernistas do Capital em França (estudo de Marx na escola) e em Inglaterra (Free Schools), p. ex. já se anteciparam aos vanguardistas do M.R.P.P., pois compreenderam que a ideologia capitalista, tendendo a tornar-se unitária, a englobar todas as críticas e contestações, integra hoje o marxismo enquanto filosofias enquanto ideologia. O Poder não necessita de reprimir directamente, enquanto a sua Filosofia, a sua Pedagogia, o seu "Marxismo" se ocuparam disso. O estudo do "Marxismo" na escola é a apologia da paz social e da harmonia universais.

A inteligência política destes grupos engana assim o seu instinto social. Por um lado, quando assistimos a nível mundial a uma *crise generalizada de representação* (os operários partem a cara e sindicalistas em Anvers; na Polónia, em Goansk, os trabalhadores dos estaleiros na vais lançam fogo à sede do P.C.; em Strasbourg as acções revolucionárias dissolvem a Associação local, etc.) estes grupos ainda procuram constituir-se em interlocutores jurídicos ou políticos, em pequenos *poderes* utilizando os seus trunfos - influência e mobilização de uma camada da sociedade - para o diálogo político, passivo ou violento, com o Poder constituído, com o Estado. O que separa estes grupos políticos dos representantes do Estado na escola (U.E.C.), é o facto de pretenderem retirar esse trunfo ao Poder Supremo. O que os separa a todos entre si, é a obtenção dessa arma, para uma posição de força no conjunto político.

Por outro lado, quando a destruição da escola enquanto local de trabalho, de "preparação para a vida do Capital" ou seja, para a sobrevivência, está inscrita no horizonte das lutas mais radicais dos estudantes que recusam a sua condição (jovens de 14, 15 anos incendiam alguns C.E.T.; os estudantes da Universidade de Berkeley trocam massivamente os bafientos anfiteatros pelas belas praias da Califórnia; as acções das brigadas de destruição de Almada; a greve de 69 em Coimbra, em que mais do que um meio para alcançar determinado objectivo político, foi um fim em si, quer dizer, um pretexto para os estudantes se furtarem ao sacrifício do trabalho; o mesmo se pode dizer das passagens administrativas em Junho passado), estes grupos esforçam-se por manter a escola reformando-a: Escola ao serviço do Povo, Escola Democrática e Popular e Escola Anti-capitalista.

Pensando ser vanguardistas, estão de facto na cauda do movimento revolucionário e na vanguarda da reforma do Capital. Pensando ser revolucionários mas deixando a realização dos seus próprios problemas (razão pela qual se é finalmente revolucionário) a um futuro indeterminado e longínquo, depois da revolução, não passam de burocrata em potência: organizar os outros, dirigir os outros os estudantes e os operários, é o seu único desejo. Nisto assemelham-se à canalha intelectual que "era contra" a guerra colonial e se solidariza com os movimentos de libertação, para se desviar da sua própria situação miserável e da sua transformação.

É claro que esta propensão do estudante em ser militante, burocrata, advém-lhe da sua própria posição social. O estudante, quem venha das classes "favorecidas" ou das "desfavorecidas", é educado desde a mais tenra idade para vir a ser o Sr. Doutor, o dirigente, o chefe, para cumprir o destino social de privilegiado. Mas enquanto a maior parte deles consome beatificamente as sebentas para participar mais tarde comodamente e sem remorso visível na exploração, como funcionários do Capital, uma pequena parte mascara a sua má consciência expiando esse pecado original: colocam-se ao "serviço do Povo ou do Proletariado". São dirigentes sim, mas dirigentes revolucionários. São os militantes que agem e execu-

tam, e a "inteligência" que pensa e analisa. Ambos continuam a desempenhar o papel social que o Capital reserva aos estudantes - o serem dirigentes - e, portanto, a assumirem-se como estudantes. Pensando que "superaram a sua origem de classe" não passam de robots do capital.

IV

Aceitar o funcionamento da Escola sob qualquer forma é aceitar-se como estudante, como categoria do Capital. Aceitar representar ou ser representado é institucionalizar jurídica ou politicamente essa posição social, como divisão da comunidade do Capital (estudantes/operários/camponeses, etc.). Aceitar a divisão do movimento revolucionário em movimento estudantil, movimento operário é aceitar a organização do movimento no terreno do Poder e, portanto, a sua recuperação.

Por isso pretendemos recusar a tarefa dos burocratas e o papel do estudantes. Para nós a repressão não começa no saber que nos impingem, mas no dever de estar, a uma determinada hora, num determinado local, para cumprir uma tarefa: nisso não difere na sofrida por todo o trabalhador, o cumprimento de uma obrigação social, o ser escravo do Capital.

Daf que não pretendemos substituir o saber chato ao saber porreiro, à educação política, ou seja, realizarmo-nos ainda enquanto educadores, enquanto estudantes (o trabalho é o valor que une todos os gestores do Capital). Pretendemos sim é acabar com essa escravidão, com o sacrifício, com o tédio, com a disciplina imposta, com a organização exterior da nossa vida, ou melhor da nossa sobrevivência. É agindo segundo estas necessidades, encontrando na actividade revolucionária o seu próprio fim e o seu conteúdo, que nos integramos no *movimento comunista*, movimento pelo qual *o proletariado, ao negar-se enquanto classe, nega no seu todo a sociedade de classes* (ao contrário do papel que lhe atribuem todos os gestores do Capital: realizar-se enquanto classe). A nossa li-

berdade está na satisfação das nossas necessidades.

Eis o nosso "programa":

Os nossos próprios limites são os limites da nossa situação material: a nossa posição nas relações sociais de produção, não nos permite impôr novas relações de produção ou propôr uma positividade revolucionária como acontece com os operários revolucionários (destruição do valor, abolição do salarizado). As dificuldades práticas em resolver os nossos problemas, são as dificuldades que o movimento comunista atravessa na abolição da sociedade existente. As nossas contradições são as contradições da nossa época. Não estamos acima da História, mas somos um produto seu.

IMP. - Oportunamente, durante a campanha eleitoral, sairão textos de apoio, que serão a especificação dos princípios muito gerais necessariamente, aqui inseridos.

⚡





— LEGENDA

"As concepções teóricas dos comunistas não assentam de modo nenhum em ideias, princípios inventados ou descobertos por este ou por aquele reformador do mundo. Elas exprimem, em termos iguais, as condições reais duma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se desenrola sob os nossos olhos".